

Cânone acidental***Sinais de Fogo****

Acendi um cigarro. Onde iria jantar? Não me apetecia comer. Apetecia-me fugir. Para onde e porquê? E, de repente, ouvi dentro da minha cabeça uma frase: «Sinais de fogo as almas se despedem tranquilas, e caladas, destas cinzas frias». Olhei em volta. De onde viera aquilo? Quem me dissera aquilo? Que sentido tinha aquela frase? Tentei repeti-la para mim mesmo: Sinais de fogo... Mas esquecer-me do resto. Com esforço reconstituía a sequência: Sinais de fogo os homens se despedem, exaustos e espantados, quando a noite da morte desce fria sobre o mar. Não tinha sido aquilo. Não era aquilo. E que significava? Seriam versos? Repeti mentalmente: «Sinais de cinza os homens se despedem, lançando ao mar os barcos desta vida». Novamente as palavras eram outras, ou quase as mesmas mas diversamente. Tirei um papel do bolso, e escrevi. «Sinais de fogo os homens se despedem, lançando ao mar os barcos desta vida». Reli o que escrevera. E depois? Olhei o mar que escurecia, com manchas claras que ondulavam largas. Os barcos iam pelo mar fora, e nalguns havia lanternas acesas, «Nas vastas águas... » Nas vastas águas... Era absurdo. Eu fazendo versos? Porquê? Amarrotei o papel e deitei-o fora. Mal amarrotado, ele foi descendo num voo balanceante, até que pousou numa rocha. Aí, vacilou, aquietou-se, e, numa reviravolta súbita, deixou-se cair para o meio das pedras e sumiu. Era quase noite escura. Voltei para a cidade.

XI

As ruas iluminadas fracamente, e vazias de gente, eram tristes. Encontrei uma tasca para jantar. Havia um balcão comprido, de onde o patrão me fez salamaleques, e do outro lado, separadas por baías de madeira pintadas de preto, estavam as mesas, só uma delas ocupada. O criado guiou-me para uma delas. A toalha tinha manchas de vinho. Ele reparou que eu as notara, e, curvando-se sobre a mesa, alisou-a com cuidado, como se tirar-lhe as pregas tirasse as nódoas. Depois, espanejou algumas migalhas com o guardanapo sujo que trazia no braço. E remirando-se na sua obra, perguntou, com as mãos pousadas na frente do avental que o cingia pelos rins, muito apertado e abaixo do cinto das calças.

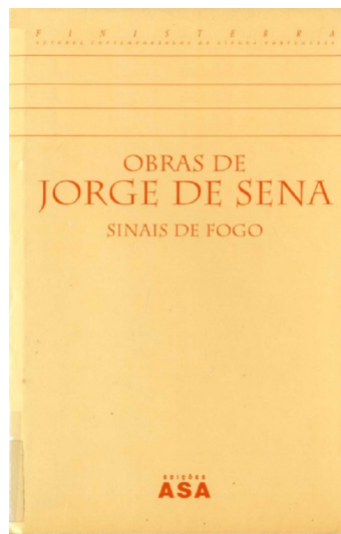
– Então o que vai ser? Temos pescada cozida, carapau frito, caldeirada... e também se arranja um bife, se o senhor quiser.

– Pode ser a pescada.

Ele foi ao balcão, e trouxe os talheres e os pratos, e também uma garrafinha de vinho e um galheteiro. «Nas vastas águas que as remadas medem, tranquila a noite está adormecida.» Eram versos, sem dúvida. Mas havia alguma razão para que eu os estivesse fazendo, ou para que eles se fizessem dentro de mim, à minha custa? Eu nunca lera muitos versos, nunca me interessara especialmente por poesia. Na minha família a literatura não tinha qualquer existência, nunca ninguém fôra escritor. Liam-se livros, sem dúvida, mas por desfastio, e sem fixar sequer o nome dos autores. Na minha casa, ainda menos: nem mesmo os havia. Escrever... mas só por piada! Um tio meu costumava escrever todos os anos uma revista, para ser

P

representada pelos banhistas da praia em que ele veraneava. Ser-se escritor, ou qualquer coisa semelhante e de ordem artística, era ainda pior que ser político. Um escritor, um pintor, um actor, não tinham qualquer lugar na escala social. E poeta era sinónimo familiar de distraído, de pobre de espírito, de idiota chapado, quando o não era de pessoa que devia dinheiro a toda a gente. Mas eu não tinha escrito versos; acontecera que umas palavras, por um acaso qualquer, se me haviam juntado na cabeça. Nada mais. De resto, era tudo um disparate. Os homens não são sinais de fogo... E aquele mar, o que era? E que será medir a remadas águas vastas? E a noite estar adormecida nestas águas, quando a noite, de noite, está em toda a parte? Sorri aliviado. O criado, que chegava com a travessa, julgou que o meu ar se dirigia especialmente a ele e à pescada, e serviu-me com afectuosa solicitude.



* Sena, Jorge de (1995). *Sinais de Fogo*. Lisboa: Edições ASA, pp. 121-123. [seleção de Vitória de Sousa]

*Peregrinatio ad Loca Infecta, Jorge de Sena****EM CRETA, COM O MINOTAURO****I**

Nascido em Portugal, de pais portugueses,
 e pai de brasileiros no Brasil,
 serei talvez norte-americano quando lá estiver.
 Coleccionarei nacionalidades como camisas se despem,
 se usam e se deitam fora, com todo o respeito
 necessário à roupa que se veste e que prestou serviço.
 Eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria
 de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações
 nasci. E a do que faço e de que vivo é esta
 raiva que tenho de pouca humanidade neste mundo
 quando não acredito em outro, e só outro queria que
 este mesmo fosse. Mas, se um dia me esquecer de tudo,
 espero envelhecer
 tomando café em Creta
 com o Minotauro,
 sob o olhar de deuses sem vergonha.

II

O Minotauro compreender-me-á.
 Tem cornos, como os sábios e os inimigos da vida.
 É metade boi e metade homem, como todos os homens.
 Violava e devorava virgens, como todas as bestas.
 Filho de Pasifaë, foi irmão de um verso de Racine,
 que Valéry, o cretino, achava um dos mais belos da "langue".
 Irmão também de Ariadne, embrulharam-no num novelo de que se lixou.
 Teseu, o herói, e, como todos os gregos heróicos, um filho da puta,
 riu-lhe no focinho respeitável.
 O Minotauro compreender-me-á, tomará café comigo, enquanto
 o sol serenamente desce sobre o mar, e as sombras,
 cheias de ninfas e de efebos desempregados,
 se cerrarão dulcíssimas nas chávenas,
 como o açúcar que mexeremos com o dedo sujo
 de investigar as origens da vida.

P

III

É aí que eu quero reencontrar-me de ter deixado
a vida pelo mundo em pedaços repartida, como dizia
aquele pobre diabo que o Minotauro não leu, porque,
como toda a gente, não sabe português.
Também eu não sei grego, segundo as mais seguras informações.
Conversaremos em volapuque, já
que nenhum de nós o sabe. O Minotauro
não falava grego, não era grego, viveu antes da Grécia,
de toda esta merda douta que nos cobre há séculos,
cagada pelos nossos escravos, ou por nós quando somos
os escravos de outros. Ao café,
diremos um ao outro as nossas mágoas.

IV

Com pátrias nos compram e nos vendem, à falta
de pátrias que se vendam suficientemente caras para haver vergonha
de não pertencer a elas. Nem eu, nem o Minotauro,
teremos nenhuma pátria. Apenas o café,
aromático e bem forte, não da Arábia ou do Brasil,
da Fedecam, ou de Angola, ou parte alguma. Mas café
contudo e que eu, com filial ternura,
verei escorrer-lhe do queixo de boi
até aos joelhos de homem que não sabe
de quem herdou, se do pai, se da mãe,
os cornos retorcidos que lhe ornaram
nobre frente anterior a Atenas, e, quem sabe,
à Palestina, e outros lugares turísticos,
imensamente patrióticos.

V

Em Creta, com o Minotauro,
sem versos e sem vida,
sem pátrias e sem espírito,
sem nada, nem ninguém,
que não o dedo sujo,
hei-de tomar em paz o meu café.



*Sena, Jorge de (1969). “Em Creta com o Minotauro”. In *Peregrinatio ad Loca Infecta*. Lisboa: Portugalia. Agora in Lourenço, Jorge Fazenda (ed.). *Poesia 1*. Lisboa: Guimarães Editores, 2013, pp. 516-518. [Seleção de João Pedro Aido]

Trinta Anos de Camões, Jorge de Sena*

«ALMA MINHA GENTIL...» – Análise tópica

Na verdade, os dois primeiros versos do soneto, ou, segundo nós, *Alma minha gentil que te partiste tão cedo desta vida*, são uma muito exacta tradução do primeiro verso do célebre poeminha que, segundo a *Historia Augusta*, o grande imperador Adriano (r. 117-138) compôs no seu leito de morte:

*Animula vagula blandula
hospes comesque corporis
quae nunc abibis in loca
pallidula rigida nudula
nec ut soles dabis iocos.*

Com efeito, se fizermos o paralelo, teremos exactamente:

Animula – alma minha (o possessivo como encarecimento, correspondendo ao diminutivo)
vagula – que te partiste tão cedo (desta vida)
blandula – gentil

– em que o «desta vida» resulta de todo o contexto da graciosa prosopopeia de Adriano à sua própria alma.

Não sabemos se Camões, como Petrarca lera, teve conhecimento do imperial poema¹; mas a verdade é que o «descontente» que ele acrescenta ao texto petrarquiano pode ser uma condensada alusão a «hos-

¹ Segundo Stanley Robinson de Cerqueira, *op. cit.* [*Adriano, Petrarca e Camões*, em *Revista de Letras* – vol. 2 – 1961, Assis, São Paulo], a única referência de Camões a Adriano ocorre no soneto funerário *Quem jaz no grão sepulcro que descreve*, dedicado à morte do Rei D. João III, um dos sonetos sobre os quais não incidiram dúvidas de autoria. Esta é confirmada pelo índice do Padre Pedro Ribeiro, se não fosse bastante a inclusão dele na 1.^a edição das *Rimas* de Camões. A referência a Adriano está no 11.^o verso: «*Será Adriano, grão senhor do mundo?*». Mas não implica, como será óbvio, outro conhecimento de Adriano, que o tradicional de ele ter sido, como autoridade imperial e como administrador, um dos apogeus do Império. Que assim o entende Camões se deduz do soneto, em que sucessivamente se pergunta se o defunto será Alexandre (um conquistador), Adriano, ou Numa (um fundador de ordem dinástica), para concluir-se (seria muito perigoso atrevimento que com alguma ironia) que não é nenhum deles, mas «*...Joane / de Portugal terceiro sem segundo*». Mas, e parece-nos isto importantíssimo, encontramos uma expressa e directa referência ao poema de Adriano, numa obra que foi celeberrima no século XVI, e que Camões leu. Na *Celestina*, atribuída a Fernando de Rojas, no Acto Quarto, a personagem que veio a dar seu nome à peça exclama: «... E el mayor remedio que tiene es tomar una vilmela é tañe tantas canciones e tan lastimeras, que no creo que fueron otras las que compuso aquel Emperador e gran músico Adriano, de la partida del ánima, por sufrir sin desmayo la ya vezina muerte (...)» (Fernando de Rojas, *La Celestina*, edicion y notas de Júlio Cejador, França, 2 vols., «Clássicos Camonianos»). Esta referência parece provar uma relativa popularidade, nos meios cultos da Península, em fins do século XV, do próprio poema de Adriano, e das conexas informações da *Historia Augusta*, e não apenas de suas transformações tópicas. Que Camões leu *La Celestina* pode considerar-se provado por alusões suas. Em *Filodemo*, Vilardo, o moço do protagonista, diz: «(...) Que me dizes a Solina? Como se faz Celestina, / Que, por não lhe haver inveja, / Também para si deseja // O que o desejo lhe ensina». Esta referência, pela subtil caracterização da comparação com a Celestina, não foi feita apenas sobre a popularização do nome, como sinónimo de alcoviteira: esta Celestina é a de Rojas. Menos dúvida teremos com a alusão a Calisto, numa das cartas de Camões: «(...) Porque esta é a isca com que Celestina apanhava las cien monedas a Calisto, com sua sobrefusa (...)» – que indica conhecimento de uma das situações da peça.

O texto de L. Franco de *Alma minha gentil...*, com «corpo» no 2.^o verso, está mais próximo de Adriano que o texto de 1595. Não só os 1.os versos, mas também os 2.os («hospes comesque corporis») coincidem mais, já que o «tão cedo deste corpo descontente» pode ecoar igualmente à ideia do corpo como habitação provisória da alma, hóspede e companhia dele.

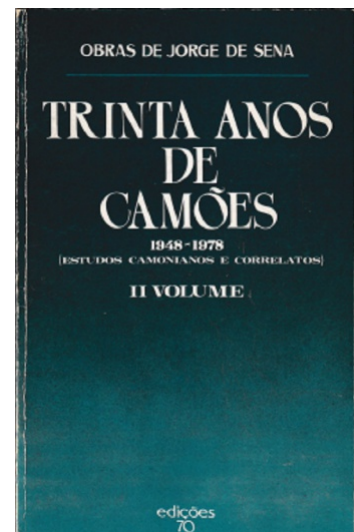
P

pes» (no sentido de a alma ser apenas morada provisória do corpo), que, reciprocamente, nos esclarecia o sentido daquele descontentamento, limitando-o à troca de uma habitação por outra talvez melhor (que, no poema de Adriano, implica uma seriedade de comportamento, que a alma, enquanto dele, não tivera). E, por outro lado, o «chiamata a l'altra vita» de Petrarca é tão óbvio como perífrase da morte que não parece ter correspondência alguma em Adriano. Note-se ainda como o possessivo (que, na cacofonia, imita a terminação diminutiva), em Camões, torna *alma minha* subliminarmente mais próxima [da] tradução de *animula*.

A ideia da alma tratada diminutivamente partir depressa (ou cedo) encontramos-na na literatura latina não só em Adriano. O gramático Nonius Marcellus (século III) cita um verso de Catulo (84-54 AC), considerado apócrifo, que dela expressamente se constitui:

*Animula miserula prosperitur abit*²
(a alminha coitadinha partiu cedo)

Não fora a tão grande proximidade entre Adriano, Petrarca e Camões, que topicamente verificamos, e, recordados da importância imensa que Catulo teve entre os petrarquistas do século XVI na Itália, ficaríamos na dúvida de se também Catulo (verdadeiro ou apócrifo, o que é algo secundário em matérias tópicas) não terá a sua parte na formação e difusão do tópico. De qualquer modo, se apócrifo, o verso será anterior a Adriano, e este adapta-o, ou é posterior a ele e [há] precisamente a intromissão de Adriano numa imitação de Catulo; e, em qualquer dos casos – e só uma pesquisa na literatura latina dita da «decadência» nos esclareceria melhor a história do tópico –, a formação deste é anterior à citação de Adriano feita por Petrarca, e ao uso que este veio a fazer dela.



*Sena, Jorge de (1980). “«ALMA MINHA GENTIL – Análise tópica»”. In *Trinta Anos de Camões – 1948-1978* (Estudos Camonianos e Correlatos – II volume. Lisboa: Edições 70, pp. 110-112, 144-146. [Seleção de João Pedro Aido]

² Mencionado entre os apócrifos em *Catulle – Poésies*, texte établi et traduit par Georges Lafaye, 4ème ed. revue et corrigée, «Les Belles Lettres», Paris, 1958 [Em francês no original].

Poesia de 26 Séculos, Jorge de Sena*

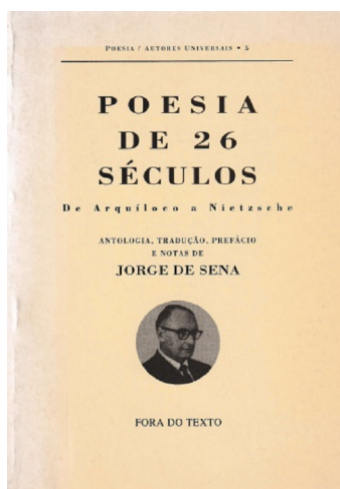
Públio Élio Adriano, Imperador

Roma

76-138

“ANIMULA VAGULA BLANDULA”

Alminha, vagabunda, blandiciosa,
Do corpo a moradora e companheira,
A que lugares tu te vais agora,
Tão pálida, tão rígida, tão nua?
Nem mais às graças te darás de outrora.



*Sena, Jorge de (1993). *Poesia de 26 Séculos. De Arquíloco a Nietzsche. Antologia, Tradução, Prefácio e Notas de Jorge de Sena*. Coimbra: Fora do Texto, p. 50. [Seleção de João Pedro Aido]

P

Neurose Nocturna [excertos¹], Gomes Leal*

- Bela! dizia eu, como um navio à vela,
para um país polar, por um silêncio amigo.
- Bela! como uma estátua e gélida como ela.
- Bela! dizia eu, como um sepulcro antigo.

Bela! dizia eu, ágil como um jaguar,
assim me inspire o Fado e Satanás me deixe!
Bela! dizia eu, fria como o luar
sobre o dorso luzente e excepcional dum peixe.

Bela! dizia eu, como uma mesa lauta
para um festim pagão: a Forma, o Som, e a Cor.
Bela! dizia eu, como nocturna flauta,
desfiando, no mar, a ladainha – Dor.

[...]

Bela! como um espelho esférico, polido,
aonde colos nus luzem palidamente.
Bela! como o sentir a seda dum vestido
arrastar, como arrasta a cauda da serpente.

Bela! como o sorrir vermelho dum rainúnculo.
Bela! como uma flor aquática do Mar.
Bela! como na treva o brilho dum carbúnculo.
Bela! dizia eu, como um azul polar.

Bela! como a expressão das notas de Méhul.
Bela! como uma flor num muro de cadeia.
Bela! como a sonhar, sobre um divã azul,
fumando, perseguir a nebulosa Ideia.

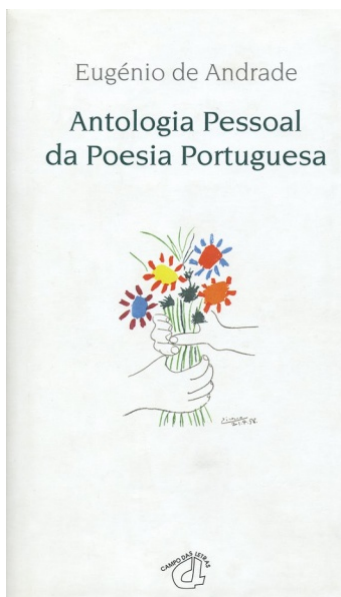
¹ Em Gomes Leal, escreve Eugénio de Andrade na sua *Antologia*, p. 494, nota 7, "começa a ser corrente proceder-se assim. Em Gomes Leal e em Pascoaes, os cortes parecem inevitáveis. Creio que Nemésio foi o primeiro a fazê-lo, o que lhe valeu umas linhas ásperas do Torga (registadas no *Diário*) e o corte de relações. É coisa delicada de fazer, já se sabe, e nem sequer é do meu gosto. No poema citado (*Neurose Nocturna*), a montagem é de David Mourão-Ferreira [...]"

Bela! dizia eu, como uma Feiticeira
da Tessália, evocando a ensanguentada lua.
Bela! como, no outono, a luminosa esteira
azulada e sem fim duma comprida rua.

Bela! como arrendado e flamejante altar,
onde se vão unir os corações dos noivos.
Bela! como o silêncio algente e tumular,
em que se escuta, ao fundo, o germinar dos goivos.

Bela! dizia eu... Mas nisto, sobre o leito,
Em que cismava assim, voltou-se, levemente,
A invencível mulher que me inflamava o peito.
E os meus olhos no quarto erraram novamente.

[...]



*Leal, Gomes (1988). *Neurose Nocturna*. Lisboa: Hiena Editora. *Apud* Andrade, Eugénio de (org.). *Antologia Pessoal da Poesia Portuguesa*. Porto: Campo das Letras, 1999, pp. 223-225, 494. [Seleção de João Pedro Aido]

P

Romance, poesia, retrato e conferência, de Almada Negreiros

FINALMENTE O PROTAGONISTA TOMA O PARTIDO DAS ESTRELAS*

O Antunes sentia o prazer do seu entendimento e estava contente consigo mesmo por causa da vibração da sua presença à janela daquela água-furtada aberta para o ar. Não eram programas futuros que o animavam daquela maneira, mas sim, exatamente, o profundo sentido daquele momento da sua vida ali àquela janela sobre a noite, entre o seu passado, que ele conhecia como ninguém, e o seu futuro, que não necessitava de saber por enquanto. Tanto era assim que se desencostou do parapeito, acertou-se bem perpendicularmente ao chão, içou o mais que ia o corpo todo sobre si mesmo, ajustou bem as plantas dos pés ao solo, como as das estátuas nos seus pedestais, com ambas as mãos vibrou umas máculas palmadas no tórax, para lhe tirar o som, e não pôde resistir à tentação de dizer em voz alta, acompanhada de gestos dos braços estendidos para fora da janela por cima do telhado:

– As ocasiões não se procuram, encontram-se. E quem é, além de nós mesmos, que lhe há de dar o propósito? Só quem não há de encontrar-se antes de chegar ao fim é que foge da realidade com medo de ser mordido por ela! Mas eu não tenho medo de viver. O meu medo é incomparavelmente maior do que esse: tenho medo de não viver!

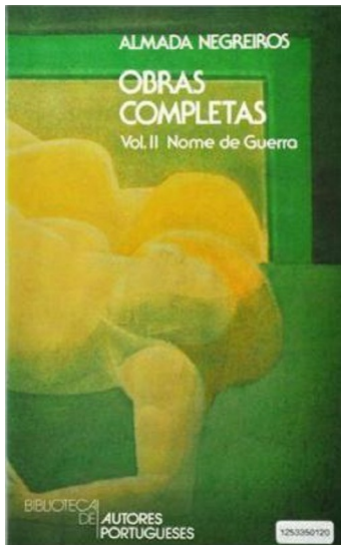
Os olhos ficavam-lhe no céu. Porque não lhe teriam falado disto há mais tempo?! Oh, admirável destino: poder obedecer sem ser a homens!

O infinito era-lhe acessível. Via ao longe. O Antunes perguntava-se se seria o mesmo: ver ao longe e ver o longe.

Ver ao longe é um dom especial de certas pessoas, sobretudo daquelas que não é pelas realidades alheias que caminham. Não pode por conseguinte ver ao longe aquele que põe a sua vontade ao serviço de qualquer ato imediato que caiba dentro do espaço de tempo da sua própria existência. A nossa existência

peçoal fica abrangida pelo campo de ação das vontades que nos precederam. O nosso verdadeiro campo de ação está para além da nossa existência, no futuro. Pôr a nossa vontade ao serviço do imediato servirá apenas para que nos tire ainda mais tempo do pouco de que já dispomos para atendermos ao nosso caso pessoal. A realidade, sendo de facto o que já existe feito, não deixa por isso de ser quase sempre um empecilho. Em vez de passagem é muro, não se pode transpor sem agilidade. E quando o facto real é um resultado da nossa vontade, que a tanto se empenhou, de empecilho pode facilmente transformar-se em muralha opaca que nos não deixe ver a nós mesmos do lado em que ficámos. Chama-se a isto não saber ver ao longe. Quem não sabe ver ao longe levanta muros em redor de si e muralhas que lhe tapem o horizonte. Se não sabe ver ao longe, tanto lhe faz como não que exista o longe, por isso tapa-o. Isto é, inventa-se um buraco para si, por cobardia de não ter ido a passo acertar-se com a sua própria estatura. Apressa-se para que a sua autobiografia não fique desmerecida aos olhos dos presentes, fabrica coerência para todos os seus atos e esquece só que tudo partiu afinal de não ter podido prosseguir na lealdade que se devia a si mesmo.

Todos quantos intervêm na vida dos outros, quer seja em seu favor



* Negreiros, José de Almada (1992). *Obras Completas Vol. II. Nome de Guerra*. Lisboa: INCM, p. 214. [Seleção de Filomena Viegas]

ou contra, são afinal de uma cobardia que escapa à observação dos melhor atentos. Cobardes por duas razões: primeira, por serem incapazes de se reconhecerem e darem a conhecer o seu próprio caso pessoal para a aceitação geral; segunda, porque, ao intervirem na vida dos outros, quer seja em seu favor ou contra, são incapazes também de abnegar da sua própria pessoa. Se alguém decide da sua vida para servir os outros e não renuncia a si mesmo, em que poderá então ser equânime e admirável, justo e elucidativo? Respeitemos os que a tanto se afoitaram e se decidiram, mas desprezemos os que o fingem.

A condição para saber ver ao longe é estarmos dentro de nós se se trata do próprio, ou de ter renunciado a si mesmo se se trata dos outros.

MORALIDADE DESTE ROMANCE:

Não te metas na vida alheia
se não queres lá ficar.

QUARTA MANHÃ*

Um ângulo da terra diante de mim
com o vértice no meu olhar.
Ora junta em montes
ora raza nos vales
assim segue a terra até ao mar,
e antes ainda de lá chegar
a própria terra já parece o mar.
A luz do dia mostra a natureza
e os meus olhos vêem.
A minha imaginação dá respiração à natureza
e de cór completa-a com o resto do redondo
o que além do ângulo à terra faltava.
Não só a paisagem os meus olhos viam
mas a terra inteira no seu verdadeiro tamanho,
não como a possam ver os olhos
mas como a imaginação
tem modos de medição.
E mais do que a sua própria grandeza
eu via também,
via com os olhos e a imaginação
todas as idades da terra
em tôda a sua duração.

Tudo começava lá, ao princípio,
num ponto:
um simples ponto sem dimensão,
e do qual partiam depois todas as linhas
todos os ângulos, cones e sectores



* Negreiros, José de Almada (1982). *Sudoeste – Cadernos de Almada Negreiros*. Lisboa: Contexto Editora, edição fac-similada, 1935, n. 3, pp. 20-21.. [Seleção de Filomena Viegas]

P

de uma esfera infinita
da qual a terra era uma pequena reprodução
e eu uma pequena reprodução da terra.
Desde o ponto inicial até mim
a linha era única
e não pertence hoje
senão a mim.
No ponto inicial nasceram todos os destinos, até os destinos sem dono.
Jamais perdi o tempo com o mistério dos outros
ainda mesmo que as nossas vidas se cruzem.
Não são as nossas vidas actuais que se comunicam
já sei
mas sim os nossos mistérios que dialogam.
E eu acabo de chegar apenas ao limiar do meu mistério.
Eu tive d'inventar-me um génio discretíssimo
para escapar através dos séculos à mecânica das actualidades.
Para chegar até aos meus próprios pensamentos,
aos meus pensamentos só meus,
eu tive muitas vezes de dar voltas ignóbeis!
Mas até que cheguei aqui
a isto que eu buscava,
e que é o principiar em mim.
Desde o ponto inicial
já tudo começou para mim
e passados séculos e séculos
eu hoje vou exactamente em mim.

Com um retrato do autor por elle-proprio*



* Negreiros, José de Almada (2005). *A invenção do Dia Claro*. Lisboa: Assírio & Alvim, edição fac-similada, 1921, p.7. [Seleção de Filomena Viegas]

A CONFERENCIA IMPROVISADA*

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Mulheres e homens são as duas metades da humanidade — a metade masculina e a metade feminina.

Ha coisas inteiras feitas de duas metades e aonde não se pode cortar ao meio para separar essas duas metades. Exemplo: a humanidade com a metade masculina e a metade feminina. São duas metades que deixam, cada uma, de ser uma metade se não houver a outra metade.

A linha que passa por entre estas duas metades é parecidíssima com o ar por dentro de uma esponja do mar, sêca.

[...]

AS PALAVRAS

O preço de uma pessoa vê-se na maneira como gosta de usar as palavras. Lê-se nos olhos das pessoas. As palavras dançam nos olhos das pessoas conforme o palco dos olhos de cada um.

VIAGENS DAS PALAVRAS

As palavras teem moda. Quando acaba a moda para umas começa a moda para outras. As que se vão embora voltam depois. Voltam sempre, e mudadas de cada vez. De cada vez mais viajadas.

Depois dizem-nos adeus e ainda voltam depois de nos terem dito adeus. Emfim — toda essa tournée maravilhosa que nos põe a cabeça em agua até ao dia em que já sômos nós quem dá corda ás palavras para ellas estarem a dançar.



* Negreiros, José de Almada (2005). *A invenção do Dia Claro*. Lisboa: Assírio & Alvim, edição fac-similada, 1921, pp. 17-19. [Seleção de Filomena Viegas]

P

Dois sonetos de Florbela Espanca*

Crucificada

Amiga... noiva... irmã... o que quiseres!
Por ti, todos os céus terão estrelas,
Por teu amor, mendiga, hei de merecê-las,
Ao beijar a esmola que me deres.

Podes amar até outras mulheres!
- Hei de compor, sonhar palavras belas,
Lindos versos de dor só para elas,
Para em lânguidas noites lhes dizeres!

Crucificada em mim, sobre os meus braços,
Hei de poisar a boca nos teus passos
Pra não serem pisados por ninguém

E depois... Ah! Depois de dores tamanhas,
Nascerás outra vez de outras entranhas,
Nascerás outra vez de uma outra Mãe!

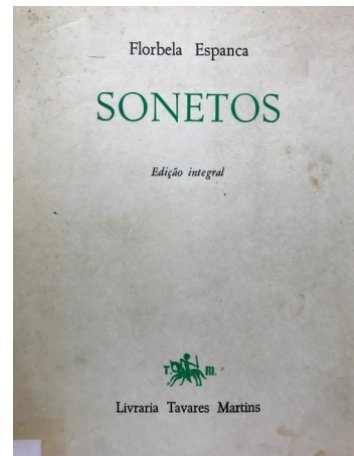
A minha piedade

Tenho pena de tudo quanto lida
Neste mundo, de tudo quanto sente,
Daquele a quem mentiram, de quem mente,
Dos que andam pés descalços pela vida;

Da rocha altiva, sobre o monte erguida,
Olhando os céus ignotos frente a frente,
Dos que não são iguais à outra gente,
E dos que se ensanguentam na subida!

Tenho pena de mim... pena de ti...
De não beijar o riso duma estrela...
Pena dessa má hora em que nasci...

De não ter asas para ir ver o céu...
De não ser Esta... a Outra... e mais Aquela...
De ter vivido e não ter sido Eu...



* Espanca, Florbela (1974). *Sonetos*. Porto: Livraria Tavares Martins, 14^a edição, pp. 115 e 128. [Seleção de Filomena Viegas e Ilídia Ferreira]